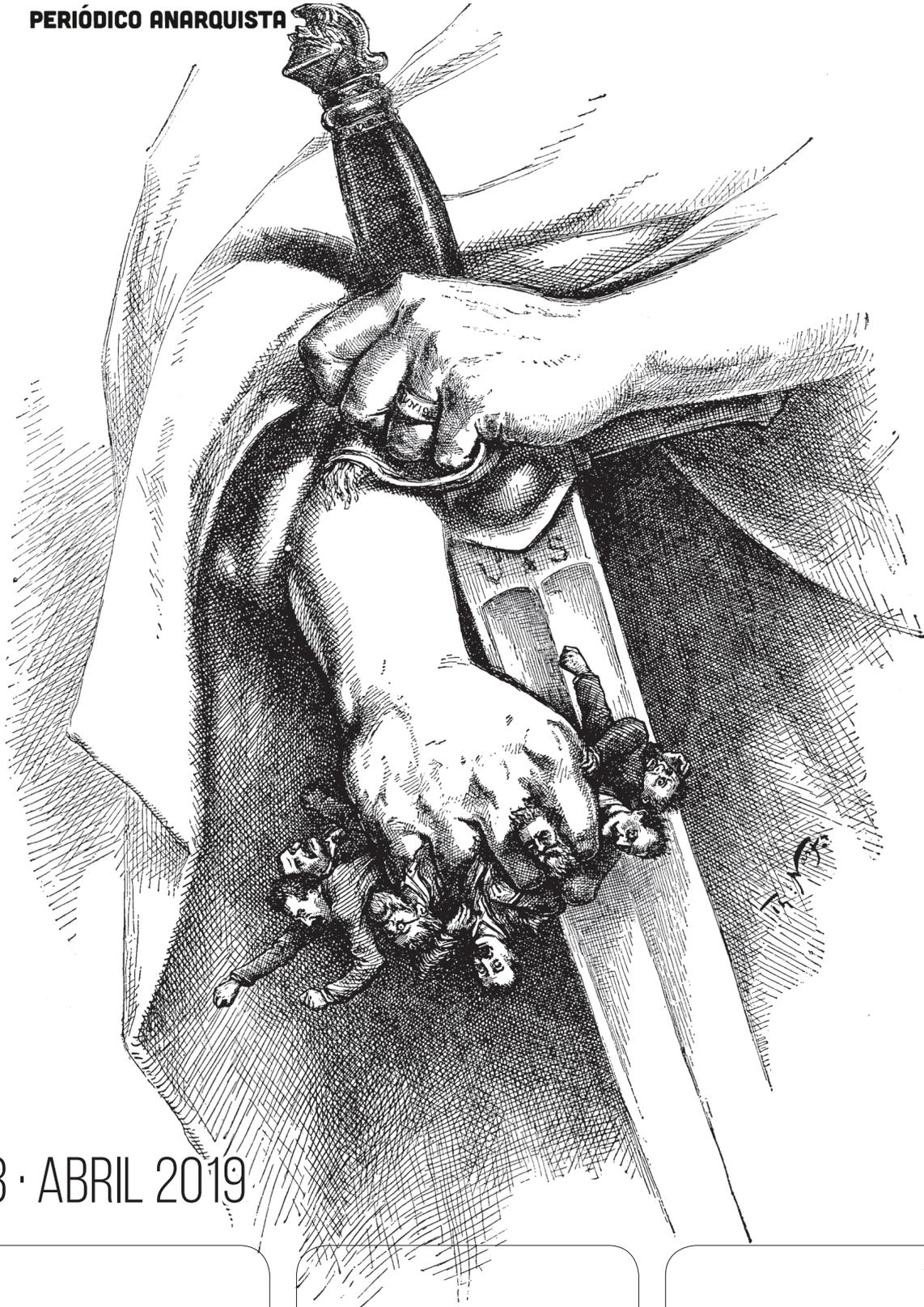


nordês

PERIÓDICO ANARQUISTA

UMHA COLABORAÇÃO ENTRE
A IRMANDADE DA COSTA E
ARDORA (S)EDIÇÕES ANARQUISTAS



N13 · ABRIL 2019

ORIGENS DO 1 DE MAIO

LUITAS NAS PRISONS

PASTORA,
SEMPRE CONTIGO!

ORIGENS

DO 1 DE MAIO

OS ACONTECIMENTOS DE CHICAGO E A LUITA EM DEFESA DAS 8 HORAS

TEXTO MODIFICADO DO ORIGINAL ESCRITO POR FRAN FERNÁNDEZ, PUBLICADO NO PORTAL WEB SERHISTORICO.NET.

A diminuição da jornada laboral sem redução de salário era uma das causas que podia fazer lutar a uma população operária escravizada pela lógica dos salários de fome. Caso termos em conta que uma pessoa assalariada podia chegar a trabalhar entre 12 e 16 horas diárias por um salário de miséria, damos-nos conta que, em muitos casos, o dia a dia dessa população era pouco mais do que trabalhar e embrutecer-se mental e fisicamente no seu posto de trabalho. E o pior era que mais de uma pessoa podia fazê-lo com o estômago vazio.

A luta pelas 8 horas, para além do simples reformismo social que representava, era uma esperança para poder desfrutar de uma vida um bocado mais dig-

na, dando a possibilidade ao trabalhador industrial, de oficina ou de campo, de ter dois terços do dia à sua disposição, já for para formar-se intelectualmente, descansar ou poder ter tempo de lazer. Face a uma realidade estendida de uma vida baseada na exploração laboral extrema desde a infância até o esgotamento físico e consequente morte do indivíduo, a qual, tranquilamente, podia chegar antes de cumprir os 40 anos, a luta em defesa das 8 horas adquiria toda a sua lógica e importância.

Em abril de 1886 as greves começaram-se a propagar por diferentes cidades estadunidenses, assim como os primeiros conflitos com a patronal. A tensão social em algumas zonas foi alta e o 1º de maio a greve geral em cidades como Chicago foi efetiva. As mobilizações continuaram os dias a seguir.

Chicago albergava uma comunidade anarquista bastante ampla e muitos deles eram operários e operárias migrantes de diferentes zonas germânicas. Na cidade o anarquismo era o movimento socialista mais numeroso e importante, e a esta luta em defesa das 8 horas imprimiu-lhe uma significação de confronto direto contra as classes dominantes.

A luta e antagonismo de classes estavam muito marcadas, com umhas elites dirigentes reacionárias e agressivas

perante às reivindicações sociais e, no outro extremo, um potente movimento socialista de carácter anarquista, com meios de propaganda estáveis e potentes, assim como a existência de várias organizações, grupos e indivíduos ativos que fortaleciam a luta em defesa da emancipação social.

A BOMBA DE HAYMARKET DE 4 DE MAIO DE 1886.

Após a tragédia da fábrica McCormick em Chicago, onde a polícia assassinou várias pessoas, sectores anarquistas e operários convocaram um meeting na praça Haymarket, num contexto de forte ira e raiva pelo acontecido umas horas antes. De facto, uma primeira versão do cartaz que convocava ao ato afirmava que os operários deviam de ir armados e preparados para o que fosse, ainda que na versão final, ao que parece, foi descartado.

Quando estava case prestes a finalizar o encontro e nada parecia que perturbasse o ambiente, fortemente custodiado por forças policiais e agentes da Pinkerton, os corpos repressivos decidiram atacar dita concentração, dispersando violentamente as pessoas congregadas na praça. Nesse momento o estrondo de uma bomba atirada contra a polícia ensurdeceu o lugar.

A repressão policial posterior foi intensa e detiveram vários anarquistas, os quais seriam vítimas de um processo que acabaria com a execução de vários deles e o encarceramento dos outros. Os presos

que chegaram a ser julgados foram Albert Parsons, Óscar Neebe, August Spies, Adolf Fischer, Louis Lingg, Michael Schwab, Samuel Fielden e George Engel. Exceto Fielden, Neebe e Schwab, com penas de presídio, o resto foram condenados a morrerem aforcados, ato que se produziu em 11 de novembro de 1887. Louis Lingg suicidou-se horas antes na sua própria cela, após acender um pequeno explosivo (se calhar, num cigarro) que, por outra parte, despedaçou-lhe a cara e fijo-lhe agonizar durante horas. Todo isto produziu-se depois de um julgamento falso no qual se julgavam ideias mais do que uns possíveis autores materiais do acontecido na praça Haymarket o dia 4 de maio de 1886.

A inocência ou culpabilidade pela explosão do dia 4 de maio foi só uma escusa para abrir um processo em contra do anarquismo.

O LEGADO APÓS AS EXECUÇÕES DE 11 DE NOVEMBRO DE 1887

Depois das suas mortes, os mártires alcançaram grande renome internacional, fazendo parte do imaginário político operário, transformando-se num referente para multidões de explorados do mundo ocidental.

No congresso da II Internacional de 1889 decidiu-se relançar a jornada de luta do 1º de maio, sendo especialmente ativos os primeiros de maio dos anos 1890 e 1891.

o anarquismo era o movimento socialista mais numeroso e importante, e a esta luta em defesa das 8 horas imprimírom-lhe uma significação de confronto direto contra as classes dominantes.



LUITAS NAS PRISONS

O 1 de maio inicia-se a primeira greve de fome coletiva de 2019 nas prisons do Estado, que se suma às três do ano 2018 e que liga com umha campanha de luta que vem de 2015. À tabela reivindicativa agregárom-se dous pontos, somando assim catorze: contra a cadeia perpetua “revisável” e a encoberta, assim como pola reinstauraçom da redençom de penas por trabalhos em prisom; e em contra da indefensom jurídica que sofrem. Ademais, em paralelo com a tabela reivindicativa, anexam o decálogo da Associação Pro Direitos Humanos de Andaluzia, a fim de que se leve a cabo.

AS NOVAS DEMANDAS SOM:

13^a) Exigimos a limitaçom ao mínimo possível do tempo das condenaçons. E, para isso, exigimos

o desaparecimento da corrente perpétua encoberta que existe desde sempre para xs presxs que tenhem vários blocos de condenaçons entre os que nom existe “conexidad”, podendo cumprir consecutivamente vários “máximos” de entre 20 e 40 anos, quando só a soma de duas deles já é uma vida inteira. Exigimos assim mesmo a derogaçom da nova “prisão permante revisável”, porque o mínimo de 25 anos já é uma corrente perpétua, porque as possíveis reduçons, já em teoria difíceis de aplicar, estarám submetidas à arbitrariedade das autoridades carcerárias de sempre e porque, em definitivo, nom é mais do que uma condena a morte em vida, ou pior. E, finalmente, exigimos que se dea marcha atrás ao endurecimento das penas que trouxe o código penal do 96, agravado pelo monte de reformas posteriores, e que se restaure a redençom de penas do artigo 100 do velho código do 73, com reduçom de penas por trabalho, estudos, cursos, atividades formativas, terapéuticas, criativas, culturais, artísticas, artesanais ou desportivas.

14^a) Exigimos o fim da situaçom de indefensom jurídica que padecemos as pessoas presas nos cárceres do Estado espanhol, pola arbitrariedade das comissoes disciplinares e juntas de tratamento, pola inoperância dos tribunais de vigilância penitenciária, pola dificuldade para recorrer as decisons de umas e outros, a falta de assistência e assessoramento profissionais, pela escassez e ineficácia

dos serviços de orientação jurídica penitenciária, da defesa de ofício e da justiça gratuita e pela grande dificuldade para as obter.

AS OUTRAS REIVINDICAÇÕES

- O fim das torturas, agressões e tratos desonrosos, degradantes e da impunidade dos carcereiros na sua prática em todas as prisões do estado espanhol.
- A erradicação dos FIES, abolição do chamado regime especial de castigo, e fechamento absoluto dos departamentos de isolamento.
- Fim da dispersão dos presos.
- Que os serviços médicos não estejam adscritos a Instituições Penitenciárias, se não que sejam independentes delas.
- A aplicação imediata dos artigos 104.4 e 196 RP a todos os enfermos crônicos sem que existir requisito de entrarem em fase terminal.
- Em relação aos enfermos mentais exigimos que sejam tratados adequadamente em lugares apropriados e não nas prisões.
- Que os programas com metadona, tratamentos psiquiátricos, etc. vão acompanhados de grupos de apoio, terapeutas, etc. Independentemente de Instituições Penitenciárias.
- Que tenha abertura de investigação, esclarecimento e delimitação de responsabilidades por os compan-

heiros mortos nos cárceres do estado espanhol.

- Que as estruturas carcerárias abram as suas salas de aulas, academias, etc.
- Acessos formativos e culturais para os presos que tratam como irrecuperáveis
- Que os módulos de respeito não sejam utilizados como monstros.
- Que se deixe de cachear integralmente às famílias e amizades visitantes.
- Exigimos aos tribunais, forças de segurança do estado e repressores vários que não criminalizem a solidariedade entre pessoas.

MAIS LUITAS NAS PRISÕES

Estão em marcha outras duas campanhas solidárias com pessoas que sofrem desatenção sanitária dentro da prisão, e cujo estado de saúde periga. Está-se-lhes negando o direito a uma atenção sanitária assim como o direito à liberdade ao que deveriam aceder por enfermidade grave.

Carmen Badía Lachos leva em greve de fome indefinida desde o dia 11 de março para exigir a sua liberdade. Depois de ter sofrido três cânceros, a sua saúde está totalmente desatendida e num estado preocupante para os seus 62 anos. Existe uma folha de adesões para solidarizar-se e grupos de apoio que animam a fazer prisão enviando cartas, faxes, correios eletrônicos e chamando para denunciar a situação de abandono e pedir a sua libertação. Aqui

toda a informação: campazgz.wordpress.com.

Por outra banda, Antonio Nieto Galindo leva 47 anos preso. Aos seus 66 sofre um câncer de próstata e tem duas cadeias perpétuas pendentes na França. Perante o seu grave estado de saúde, exige-se a sua imediata libertação.

Resulta imprescindível visibilizar e denunciar de fora as situações que se dão dentro, escutar as reivindicações das presas e amplificá-las além dos muros. As medidas que os companheiros presos utilizam com frequência para fazer prisão é enviar denúncias e queixas, tanto das lutas coletivas como dos casos concretos, ou situações particulares de maus tratos. Assim por exemplo, dentro da próxima greve de fome, há companheiros que propõem enviar queixas dirigidas ao congresso dos deputados, defensor do povo, secretaria geral de instituições penitenciárias, conselho de ministros, conselho geral do poder judicial, presidência do governo ou o tribunal europeu de direitos humanos. Outros escolhem também organizações não governamentais ou poderes judiciais superiores. Tu também podes fazê-lo. Se sabes da situação de alguma pessoa presa ou se queres fazer-te eco da greve de fome, imprime e cola cartazes na tua localidade, redige e envia cartas, faxes. Chama às instituições correspondentes. Molesta. Corre a voz. Fai-no visível. Denuncia. Exige. Envia folgos às pessoas presas, uma carta pode mudar o seu dia.

ESCRAVOS «KM 0»

Neste ano 2019, ao redor de 21% da população prisional diária trabalham nas prisões do estado espanhol. Estes trabalhos que realizam são tarefas relacionadas com o funcionamento diário na prisão e trabalhos para empresas “colaboradoras”.

O trabalho dentro de prisão está regulado pelo Real Decreto 782/2001 pelo qual se regula a relação laboral de carácter especial dos condenados que realizem atividades laborais em oficinas penitenciárias e a proteção de Segurança Social dos submetidos a penas de trabalho em benefício da comunidade. O Estatuto dos Trabalhadores só se aplica nos pontos concretizados pelo real decreto antes mencionado.

As retribuições não têm referência alguma ao salário

mínimo. Teoricamente, as retribuições oscilam os 2,59 e 3,77 euros de um operário base, que podem subir em alguns postos da categoria superior a 4,39 e 4,51, longe do salário mínimo de 858,55 euros ao mês (julho 2018). Mas na prática os presos trabalhadores assinalam que cobram em alguns casos pouco mais de 0,50 euros a hora, trabalham mais horas das que se refletem em folha de pagamento e em ocasiões se paga por número de produtos realizados, sem que os presos conheçam o sistema de determinação e controlo do mesmo. Não se pagam as horas extras nem as pagas extraordinárias. Não se desfrutam as férias nem, em muitos casos, no dia e médio de descanso ininterrupto. Alguns presos trabalham até 70 horas semanais, sete dias seguidos e um de descanso. Em cozinha está-se no posto

de trabalho desde as 7 até as 20 horas, com uma hora para comer, sete dias seguidos e um de descanso, em confecção industrial trabalham 7 horas 5 dias à semana e em lavanderia 6,5 horas ao dia durante 5 dias.

Além disso, ao sair de prisão, por ter cotado, não podem desfrutar do subsídio por excarcelação (426 euros mensais até 18 meses), recebem uma prestação por desemprego que está pelos 100 euros e o trabalho realizado dentro de prisão fica refletido no relatório de vida laboral, de maneira que a pessoa presa fica marcada como ex-convicto perante possíveis empregadores.

As atividades que não sejam produtivas e que façam parte da formação que se esteja a receber, das ocupações de tratamento ou similares não se consideram como um trabalho e portanto não são remuneradas, embora tenha detrás

uma instituição ou empresa que se beneficie do produzido pelo preso em formação.

Em numerosas ocasiões os presos são cessados nos seus postos sem seguir a legislação vigente. Mas denunciar a prisão não é simples, pois ao desconhecimento dos presos se soma que o responsável pelo trabalho no centro penitenciário é o diretor, pelo que se temem represálias pelo exercício de ações judiciais laborais. A APDHA requereu em alguma ocasião à Inspeção de Trabalho e Segurança Social para pesquisar está exploração, mas encontraram-se uma negativa como resposta.

Com estas facilidades, a cada vez mais empresas decidem abrir uma fábrica dentro dos muros das prisões. Com o beneplácito da administração penitenciária pode explorar as pessoas presas sem limites, a baixo custo e a km 0, gerando grandes benefícios.

Como vemos, a escravatura, da mesma forma que o fascismo que a faz possível, não se debilita tão facilmente, adota novas formas e novos caminhos mais discretos para chegar ao seu objetivo. Mas, o que acontece com esse dinheiro obtido do trabalho dentro de prisão?

Em 2015 (último ano do que existem dados), 800 milhões de euros foram geridos pelo Banco Santander para gestão de despesas de administração dos Centros Penitenciários, pagamento de folhas de pagamento dos quase 26.000 servidores públicos e 111 milhões de euros de gestão do pecúlio dos presos. Todas estas, cifras

muito atraentes como para não se dar conta do negócio que representam as instituições penitenciárias.

As contas de pecúlio são os depósitos que os familiares, amigos e colegas ingressam às pessoas presas para que possam aceder ao economato, cujo monopólio tem o Corte Inglês (não se pode entrar de fora nada que se possa comprar no economato). Do mesmo modo, se a pessoa privada de liberdade tem um destino remunerado, o seu mísero salário será ingressado nessa conta de pecúlio. Estas contas também se podem nutrir do dinheiro que a pessoa leve em numerário no dia do seu rendimento em prisão.

Em março de 2017 publicou-se no BOE que os voitres que voavam nas cercanias obtinham recompensa, se formalizava um contrato com o Banco Santander e a assinatura de um convénio com Correios para realizar giros. Além das janelas habilitadas nos Centros penitenciários.

As famílias que querem fazer rendimentos nas contas de pecúlio estão muito perdidas por falta de informação e todas as opções oferecidas têm algum tipo de custo. Em janelas dos próprios Centros, tem o sobre-custo da deslocação, há dificuldade em aproveitar as visitas para ingressar dinheiro já que a maioria das vezes o horário de visitas e janela de rendimento de pecúlio é incompatível e não coincide (do mesmo modo que não pode coincidir o dinheiro que ingressa

com o que recebe a pessoa presa). No Banco Santander só se aceitam transferências por internet, com o custo de gestão que implica. E pôr um giro desde os escritórios de Correios não é gratuito.

Esquece-te de explorar mulheres e crianças no terceiro mundo, poupa em logística.

No século XXI, escravos são de “Km 0”!

**Se quieres saber que empresa da tua cidade colabora com escravos “Km 0”: <http://tokata.info/trabajo-esclavo-en-prision-relacion-de-las-em-presas-que-desarrollan-su-actividad-en-prision-los-presos-que-emplean-y-las-retribuciones-a-los-presos/#more-32240>*



PASTORA, SEMPRE CONTIGO!

Na quinta-feira de 25 de abril acordamos com a triste notícia da morte de Pastora Dominga González. Como digérom as companheirxs do Ateneu Libertário Xosé Tarrío, nessa manhã perdemos umha das pessoas mais queridas polo movimento libertário, nom apenas na Galiza senom também no resto do Estado espanhol, como se tem demonstrado nas notícias solidárias destes dias que davam conta do trágico acontecimento.

Pastora gastou boa parte da sua vida em lutar contra os centros de extermínio que som as prisons. Foi num desses centros de extermínio, na prisom da Corunha, que conheceu o horror mais de perto a partir do encerramento do seu filho Xosé Tarrío, um dos presxs anarquistas mais conhecidos e que luitou toda a sua vida pola liberdade e contra a injustiça dos muros. Pastora foi umha mulher incansável na luta por acabar com os cárceres, e também infatigável lutadora nas inúmeras mostras de solidariedade com todas as pessoas presas, as quais atendeu e defendeu até o dia do seu inesperado falecimento.

Pastora tinha ainda muitos projetos por fazer, muitos desejos por cumprir, mas sobretudo Pastora tinha ainda

muito polo que lutar e o movimento anarquista estará para levar a cabo esses e outros projetos. A sua luta é a nossa luta.

Xosé nom puido despedir a sua nai. Em 2005 as forças do Estado entregárom a Pastora o seu filho assassinado.

Pastora, és exemplo de dignidade na luta e generosidade. Sempre na memória!

Pastora, sempre contigo!

Abaixo os muros das prisons!



AGENDA

A CORUNHA LIBERTÁRIA. III jornadas anarquistas.

Do 22 de abril ao 09 de maio. *Mais info em airmandadedacosta.info.*

ENCONTRO ANARQUISTA DO LIVRO EM COMPOSTELA.

O 10, 11 e 12 de maio. *Mais info em ardoraeditora.info.*

MORRE CARLOS CELA

O 29 de abril recebemos, também, a morte do companheiro anti-fascista corunhês Carlos Cela Seoane. Carlos nom puido receber esta semana o seu irmao Paco, que sofreu a repressom e dispersom nas

cárceres durante 32 anos pola sua militância comunista. Carlos Cela foi detido em janeiro de 2008 num operativo contra o Socorro Vermelho Internacional e pola suposta reorganização do GRAPO, mas nunca deixou de militar e dar umha mao na luta anfi-fascista da sua cidade.

Ardora
(s)edições anarquistas

ARDORAEDITORA.INFO · ARDORA@BASTARDI.NET

 **Irmandade da costa**

XORNAL DIXITAL · AIRMANDADEDACOSTA.INFO